As instruções para soldados americanos e britânicos na II Guerra Mundial: uma análise comparativa (1942-1945)

Anailza Guimarães Costa[I]

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, em perspectiva comparada, manuais de instruções produzidos pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha na II Guerra Mundial. Analisamos o *Instructions for American Servicemen in Britain (1942), Instructions for British Servicemen in France (1944*) e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944).* O primeiro manual produzido em 1942, teve a função de instruir os soldados americanos enviados para lutar na Grã-Bretanha. O segundo, para orientar os combatentes britânicos que se dirigiram à França em 1944. O terceiro, também produzido em 1944, teve como objetivo indicar aos americanos o comportamento diante dos franceses. A partir disso, identificamos estes manuais dentro de um projeto de formação militar, pensado pelos Estados americano e britânico a fim de instruírem os soldados sobre o comportamento frente ao habitante local.

Palavras-chave: II Guerra. Instruções. Manuais. Soldados.

Instructions for American and British soldiers in World War II: a comparative analysis (1942-1945)

Abstract: The objective of this work is to analyze, in a comparative perspective, instructions guides produced by United States and Great Britain in the Second World War. We analyzed the Instructions for American Servicemen in Britain (1942), Instructions for British Servicemen in France (1944), and Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944). The first manual, produced in 1942, had the function of instructing the American soldiers sent to fight in Great Britain. The second, to guide British fighters who were going to France in 1944. The third, also produced in 1944, had as an objective to indicate to the Americans the behavior before the French. From this, it was possible to identify those guides as part of a military formation project conceived by the American and British states in order to instruct the soldiers concerning to the behavior before the local inhabitant.

Keywords: Second World War. Instructions. Guides. Soldiers.

Artigo recebido em 22/01/2020 e aceito em 05/02/2020

AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

A II Guerra foi moderna não só pelo uso de novas armas e pela rapidez com que o conflito foi travado, mas também pela utilização de outros recursos para vencer o inimigo, uma significativa preparação, que incluía combates físicos e ideológicos, com enorme capacidade de mobilização material e humana.

Em 1945, os norte-americanos lançaram as bombas atômicas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki demonstrando seu amplo poder de destruição e, durante a II Guerra, foram utilizados os melhores recursos tecnológicos disponíveis. Milhões de combatentes e trabalhadores, incluindo homens e mulheres foram recrutados. O inimigo deveria ser combatido até o final, tudo era produzido em grande escala e destruído em massa[II].

Com o objetivo de derrotar o adversário, os países envolvidos na guerra utilizaram além das metralhadoras e tanques, armas de combate ideológico como o rádio, os cartazes e o cinema. Os estadunidenses contaram com editoras para se especializarem em publicar livros para os soldados no front, como a *Armed Services Editions*. Cartazes mobilizavam mulheres, jovens e recrutavam soldados e trabalhadores.

Além da preocupação com o físico do soldado, os países Aliados (Grã-Bretanha e EUA), criaram manuais que indicavam o comportamento adequado do combatente no país estrangeiro. Os norte-americanos produziram o *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e o *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* para orientar os soldados que foram para Grã-Bretanha e França, já a Grã-Bretanha instruiu seus soldados através do *Instructions for British Servicemen in France (1944),* que deu instruções aos combatentes que também se dirigiram para França.

Ressaltamos que quando se trata de um conflito que teve proporções mundiais, civis são convocados de várias classes sociais, ou seja, pessoas que dificilmente teriam se imaginado lutando numa guerra, que não tinham preparo psicológico e que até mesmo nunca haviam saído de seu país. Pensando nisso, os Estados americano e britânico viram como necessário a criação de manuais de instruções para polir as ações dos soldados de acordo com os interesses do governo.

Marc Bloch, historiador, militar e testemunha que participou da Primeira (1914-1918) e Segunda Guerra Mundial (1939-1945), trouxe em sua obra uma análise das falhas dos franceses que contribuíram para a invasão alemã. Em seu escrito, Bloch[III] testemunhou que os Aliados não eram tão unidos assim e mostrou os conflitos existentes entre os soldados britânicos com os franceses, relatando a respeito da anglofobia entre os franceses, da desconfiança e dos casos de discórdia entre as tropas[IV]. Entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França esses problemas não foram diferentes. Existiam os conflitos históricos, como por exemplo, a Guerra dos Cem anos (1337-1453) entre França e Inglaterra ou o conflito entre norte-americanos e ingleses pela independência dos Estados Unidos (1812-1815). Além disso, tinham as divergências de costumes, a propaganda inimiga que espalhava intrigas e o uso da sabotagem, prática utilizada pelas nações em guerra para se infiltrarem no país inimigo e sabotarem suas ações. Assim, os manuais surgiram nesse contexto, com um forte discurso atentando para a necessidade da união entre os países Aliados.

Para esta análise, utilizamos a História Comparada. Temos sociedades diferentes, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, com algumas analogias e próximas no tempo (1942-1945). Neste trabalho identificamos as semelhanças e também as diferenças nos manuais, pois, "sem analogias, e sem diferenças, não é possível se falar em uma autêntica História Comparada"[V].

Segundo Neyde Theml e Regina Maria Bustamante[VI], "o conhecimento dos fenômenos sociais amplia-se com o diálogo e a comparação dos resultados de pesquisa". O uso da História Comparada possibilitou enxergar novos problemas e encontrar respostas que talvez de outro

modo não conseguíssemos, visto que, ela obriga o pesquisador a buscar mais de uma realidade de estudo, o que lhe dá uma ampliação da visão do seu campo de trabalho, o privilégio de trabalhar com diferentes aspectos econômicos, sociais de realidades diferentes e possibilita-nos um maior entendimento da problemática através da confrontação de realidades distintas.

Nesta pesquisa usamos Marc Bloch como principal aporte metodológico, através da História Comparada Problema. Temos um problema comum, como os Estados norte-americano e britânico pensaram um projeto de formação militar, perpassado em mais de uma realidade de estudo, ou seja, diferentes países. Assim, procuramos aplicar a História Comparada Problema, observando as singularidades e as possíveis influências de um manual sob o outro.

OS MANUAIS NORTE-AMERICANO E BRITÂNICO E SUAS FORMAS

Provavelmente, quando falamos em manuais de guerra, imaginamos folhetos com instruções de combates e táticas militares para o front de conflito. Porém, os manuais abordados nessa pesquisa, não continham instruções para utilizar um armamento ou como um combatente poderia se disfarçar para colher informações do inimigo. São, na verdade, ordens pensadas pelos Estados britânico e norte-americano de como os seus soldados deveriam evitar os atritos culturais com o habitante local e como poderiam permanecer unidos na guerra.

Como diz o manual britânico para soldados na França, "este livro não aborda nenhum tipo de assunto referente a operações militares. Ele trata apenas da forma de vida dos civis franceses e como você deveria se comportar com essa população"[VII]. Já o folheto norte-americano para soldados na França afirmou que o objetivo foi dar uma ideia geral do país para o qual o soldado iria e servir de guia para o comportamento em relação à população civil. Por sua vez, o manual norte-americano para soldados na Grã-Bretanha, também trouxe o mesmo intuito, o de prevenir desentendimentos entre a população local[VIII].

O destinado aos soldados norte-americanos na França, *Instructions* for *American Servicemen in France During World War II (1944),* o original chamado de *Pockect guide* to *France*, foi produzido pelo Departamento de informações do exército dos EUA em 1944, requisitado como confidencial e um manuscrito dentre outros manuais colocado como prioridade para entrega e considerado um dos maiores investimentos editoriais da Segunda Guerra. A cópia fac-similar que utilizamos foi publicada em 2008 pela Universidade de Chicago, com ISBN 978-0-226-84172-4. É no formato de capa-brochura, com 62 páginas, idioma em inglês, dividido em seis capítulos: "Por que vocês estão indo à França", "O soldado norte-americano na França", "Algumas páginas da História francesa", "Postos de observações", "Na despedida" e por último, "Anexos: vários acréscimos"[IX].

Ao contrário dos demais manuais, este possui algumas imagens, que retratam o povo francês como receptíveis, relata o sofrimento dos franceses com a falta de alimentos, e no geral, defendem os franceses. Porém, eles não utilizam fotografias, mas desenhos, talvez numa tentativa de ser mais simpático ou de chamar mais atenção.

Já o *Instructions for American Servicemen in Britain,* a sua primeira versão foi em 1942. A cópia que usamos foi publicada pela editora *Bodleian Library,* biblioteca da Universidade de Oxford, publicado em 2004, com 31 páginas, idioma em formato de livro de bolso. Não possui imagens, é de capa dura, lisa, simples e título escrito em letras maiores em negrito. Pode ser facilmente portado pelo leitor, considerando o tamanho e a facilidade de manuseio. Dividido em cinco capítulos, mais um prefácio, introdução e a última parte com uma tabela de índices da moeda britânica. Os capítulos se dividem em: "O país", "O povo – costumes e modos", "Britânicos na Guerra", "Linguagem americana X inglesa", "Alguns pontos importantes (faça e não faça) e "Tabela da moeda britânica"[X].

O manual, *Instructions for British Servicemen in France (1944),* também chamado como Guia de sobrevivência para soldados na França, foi produzido em 1944 pelo Escritório Executivo de Guerra Política (*Political Warfare Executive - PWE*) e emitido pelo Ministério das Relações Exteriores de Londres (*Foreign Office*). Publicado em 2005, possui 56 páginas, dividido em um prefácio e mais 15 capítulos e por último, figuras de sinais de placas de trânsito da Grã-Bretanha. Possui o idioma em inglês, com formato de livro de bolso, capa dura lisa com o título escrito em letras maiores em negrito. Assim como o manual norte-americano, pode ser facilmente portado, por ser pequeno e de fácil manuseio.

Está dividido nos seguintes capítulos: "França, O que significa a ocupação", "O país", "A formação da França", "O que o povo francês gosta", "Como é governada", "O que pensam de nós", "Sua vida no país", "Moeda", "O que fazer, não fazer", "Se fazendo entender", "Palavras e frases", "Pesos e medidas", "Segurança" e, por último, "Sinalização". Em cada capítulo, também temos subtítulos "Sua vida no país", está dividido em: "Comida", "Bebida", "Mulheres", "Divertimento", "Esportes", "A regra da estrada" e "Comportament[XI]".

Segundo o site da *Bodleian Libraries* (http://www.bodleian.ox.ac.uk/), o manual de instruções para soldados americanos na Grã-Bretanha e o manual de instruções para soldados britânicos na França ficaram entre os títulos de história mais vendidos em 2006, no top 20 dos livros de história. O *Instructions for American Servicemen in Britain (1942),* foi classificado como o nono best-seller com quase 29 mil cópias vendidas em 2006 e considerado pela Grã-Bretanha na época em que foi lançado, como um bom guia para entender o comportamento dos britânicos.

A EDUCAÇÃO DO "SOLDADO CIDADÃO"

Além de manuais que certamente ensinavam a manejar armas, como fazer sabotagens e disfarces, parece contraditório pensarmos em folhetos destinados a soldados que ensinavam a serem gentis, compreensíveis e amigos, tendo em mente o ambiente militar, rígido e de práticas punitivas. Porém, estes manuais comportamentais mostraram que o Estado idealizava um tipo de soldado que deveria, além de fazer vencer a guerra, passar a imagem do seu país como civilizado. Isso nos levou a pensar que os EUA e Grã-Bretanha fizeram instruções para um tipo de soldado que foi comum durante a Segunda Guerra, o "soldado cidadão". Ou seja, homens que em sua maioria não eram militares profissionais, mas civis que tiveram que se transformar em combatentes por conta da necessidade do conflito.

Quando pensamos em educação logo nos vem à mente o ambiente escolar, com um professor à frente ensinando uma matéria e alunos sentados em carteiras assimilando um conhecimento. No entanto, se formos para um conceito, encontramos um campo mais amplo, que não trata apenas da instituição escolar, das práticas escolares e da cultura material dessa instituição de modo específico.

Consideramos a educação para além do ensino delimitados ao espaço institucional escolar, dos vínculos e afinidades eletivas com essa instituição e com as formas específicas de educação que se processam em seu interior. Assim, ela é um processo de formação do homem, que envolve a polidez, cortesia, instrução e disciplina. Implica a inserção dos indivíduos no social para além do universo escolar.

No que diz respeito às orientações nos manuais estudados, o modelo tradicional escolar de aprendizado é quebrado a partir do momento em que o soldado enfrenta um contexto limite, no qual é necessário um modo rápido e efetivo de absorção das ideias, dos valores e da ética comportamental que deveria nortear sua atuação militar no ambiente para o qual foi recrutado. Os soldados foram instruídos a adquirirem disciplina em todos seus atos, a inculcarem as

instruções não como simples hábitos, mas internalizarem em suas atitudes, demonstrando prudência e moralidade, tudo de acordo com o pensamento idealizado pelo Estado.

Um instrumento para tentar alcançar a educação do "soldado cidadão" foi a leitura de manuais, pois, através dela, era possível transmitir de modo objetivo e claro os valores e normas que os autores e editores queriam alcançar. Conforme Leão (2007, p. 61), "quem difunde livros difunde ideias e valores, decide o que é permitido e o que é proibido existir, intervém na íntima estrutura das emoções formando sensibilidades".

Diante disso, procuramos perceber as estratégias educacionais dos Estados Unidos e Grã-Bretanha para instruir os soldados norte-americanos e britânicos, observando as diferenças e singularidades nos manuais *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944)* por meio do método comparativo.

A EDUCAÇÃO DO "SOLDADO CIDADÃO" NORTE-AMERICANO

Inicialmente observamos quais estratégias educacionais foram usadas pelo Estado norte-americano nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942)* e *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944),* para tentar fazer o soldado forte não só fisicamente, mas idelogicamente, impondo sua dominação. Afinal, qualquer livro escrito passa por uma produção e intencionalidade, desde o ato da escrita, técnicas e intervenções, como dos revisores e livreiros editores[XII].

Em cada manual, tivemos instruções direcionadas aos soldados norte-americanos quando foram enviados para Grã-Bretanha e França. Apesar de terem sido produzidos pelo mesmo país, houve uma preocupação com as diferenças culturais das nações no qual os soldados atuaram, e isso trouxe mudanças nos folhetos.

Observamos nas análises, que uma das táticas usadas para instruir estes soldados era a especificidade, ou seja, as ordens eram adaptadas para o país que o soldado se dirigia. Ao combatente que foi recrutado para Grã-Bretanha, era ensinado que existia uma monarquia, mas que quem governava era o parlamento, demonstrando uma preocupação em explicar que apesar dos britânicos terem reis e rainhas, o poder não estava concentrado nas mãos deles. Instruía que tanto os americanos quanto os britânicos eram representantes da democracia, justamente para que o soldado não criticasse o tipo de governo inglês ou não achasse que eles não representavam a doutrina democrática[XIII].

Havia uma preocupação em lembrar aos soldados dos ideais que estavam em jogo na guerra, afinal, a luta era de regimes democráticos (Estados Unidos e Grã-Bretanha), contra regimes fascistas (Alemanha e Itália) e, para não haver nenhuma divergência quanto a este objetivo, a diferença entre as formas de governo foram exploradas, como podemos ver no manual destinado aos soldados que se dirigiam a Grã-Bretanha:

> Embora você leia em muitos jornais e papéis sobre lordes e senhores, a Inglaterra é ainda um dos maiores berços da democracia e também o berço da liberdade americana. Algumas leis e regras pessoais dos reis já estão extintas há milhares de anos. Hoje o rei reina, mas não governa. O povo britânico tem grande apreço pelo monarca, mas tem retirado dele praticamente todo poder político. Hoje o poder do rei tem sido transferido para o parlamento, o primeiro ministro e seu gabinete. O parlamento britânico tem sido chamado de mãe de todos os parlamentos porque quase todos os corpos representativos do mundo têm copiado o modelo britânico[XIV].

A História dos países foi outra estratégia usada pelos manuais norte-americanos para afirmar o poder da Grã-Bretanha e, sobretudo, da França, mostrando que os soldados estadunidenses estavam indo lutar juntos, salvar os franceses das mãos do inimigo. Entretanto, mesmo estas nações precisando de ajuda naquele momento, os manuais colocavam lembranças de que foram vitoriosas e fortes em muitos momentos para que não houvesse casos de diminuição dos seus esforços de guerra.

No folheto destinado aos soldados na Grã-Bretanha, na lista do que os combatentes não poderiam falar, o manual alertava para não fazer piadas sobre salário e dizia que apesar do americano ganhar mais que qualquer outro soldado, isso não deveria ser motivo para se enaltecerem e depreciar seu aliado. Essas e outras passagens mostraram a contradição que existia, afinal, o soldado não deveria ser um exibido, mas no fundo necessitava ter a consciência que os norte-americanos eram superiores, que eram eles que dariam conta do recado.

Além de lembrar as vitórias da Grã-Bretanha e França, outra estratégia utilizada foi o uso da história dos países a fim de que o soldado conhecesse o lugar ao qual estava indo. O fato de não serem militares, ocasionava muitas situações que deixava claro o despreparo dos soldados. Não foram poucas as histórias que relatavam casos em que eles não sabiam agir muitas vezes por falta de treinamento. Porém, ressaltamos que mesmo os militares de carreira tiveram que lidar com uma guerra de grandes proporções e que enfrentaram muitas dificuldades, com atrocidades em níveis alarmantes e com os embates de culturas diferentes.

Portanto, a composição do exército norte-americano, em sua maioria, eram "cidadãos soldados", ou seja, homens convocados que se transformaram em militares por conta da necessidade da guerra[XV]. Vale ressaltar que muitos destes eram negros e que não tinham o mesmo tratamento devido à cor da pele. Houve, inclusive, vários relatos de racismo dentro do exército americano, porém, nos dois manuais, não há nenhuma instrução quanto ao tratamento com afrodescendentes. Isso provavelmente demonstra que eram casos que o Estado preferia abafar, já que ter um exército segregado era contraditório, pois, a nação representante da democracia que lutava contra o exército intolerante de Hitler, possuía uma tropa racista, formada por negros e indígenas, que eram excluídos socialmente.

Ainda observamos outras estratégias que foram utilizadas pelo Estado americano para educação do soldado. Uma delas, presente nos dois manuais, foi o uso da comparação entre a realidade do soldado americano com a francesa, quando dizia que a cidade da Normandia (França), se parecia com a de Ohio (Estados Unidos) e que Paris não era a França, assim como Nova York não era os Estados Unidos.

O folheto *Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha (1942)* também fez comparações como essas quando disse que a Inglaterra é um país pequeno, menor do que a Carolina do Norte e Iowa, estados americanos. Este uso da comparação como estratégia servia para apresentar a nova realidade ao soldado e fazer com que o país no qual ele iria não parecesse tão distante do seu conhecimento.

Os dois manuais, foram também uma espécie de guia informativo que apresentava os países aos soldados. No destinado a Grã-Bretanha, foi ensinada que a moeda britânica é a libra, que a chuva é como uma garoa, que a bebida preferida é a cerveja, o esporte o *football* e que os soldados estadunidenses deveriam ser amigos dos britânicos.

A indicação dos costumes de cada nação foi algo comum nos manuais de instruções para soldados. A ideia era que fosse evitado qualquer tipo de choque, reprovação ou crítica. Aos soldados americanos que foram para Grã-Bretanha, pedia que se esforçasse para irem às igrejas com os britânicos, que jogassem o *football*. Tudo isso a fim de ordenar que eles tornassem a convivência a melhor possível, numa tentativa de diminuir as queixas que

pudessem enfraquecer as alianças, além de resolver problemas, inclusive criminais entre os soldados das forças aliadas.

Nos folhetos, também foram colocados os estereótipos criados, ou seja, a imagem que os Estados Unidos tinham dos franceses e dos britânicos. Aos soldados que foram para França, uma lista com seis características do povo francês foi apresentada, mostrando que eles tinham raciocínio rápido, econômicos, realistas, bons de cozinha, bons de conversas, individualistas e tradicionais[XVI]. Dos britânicos, foi dito que eram firmes, tímidos em demonstrar sentimentos e honestos. Tudo isso numa tentativa de desmistificar a imagem que os americanos tinham dos europeus como um povo atrasado.

Por último, observamos que outra estratégia usada pelo Estado norte-americano para educação do soldado consistiu numa preocupação com a linguagem, afinal, se as tropas eram incentivadas a terem uma boa relação com a população local, precisavam se entender.

Assim, houve alertas com as diferenças de sotaques e com gírias inglesas que os soldados poderiam não entender. No manual destinado aos combatentes na França, uma atenção maior foi dada nesse aspecto, visto que o francês difere muito da língua inglesa. No último capítulo do folheto foi dada uma espécie de dicionário com várias expressões francesas com a respectiva tradução para o inglês.

Como vimos, são manuais com intenções diversas e estrategicamente elaborados, com ordens impostas de uma maneira que para o soldado fosse civilizado e natural seguir aquele comportamento. Ao mesmo tempo, demonstraram a crença na superioridade americana, ao colocarem os estadunidenses como os representantes da democracia.

Segundo Norbert Elias na teoria do Processo Civilizador[XVII], em cada época existe padrões de comportamento considerados civilizados que diferem de uma sociedade para outra e que vai mudando por meio de um lento processo. Elias diz que há uma preocupação do indivíduo se o comportamento está em conformidade com o meio social no qual está inserido. Para o autor, quando não existe essa inserção no comportamento dito civilizado, há o estranhamento, ou seja, a reprovação. Quando os Estados britânico e americano criaram manuais que ensinavam comportamentos adequados dentro de uma sociedade com costumes diferentes, se relaciona de certo modo, ao que Norbert Elias diz, ou seja, a fim de que evitasse os choques culturais, o soldado deveria se adequar as regras e hábitos daquela sociedade, numa projeção de um comportamento ideal.

Nos dois folhetos percebemos esse direcionamento, quando pediam, por exemplo, ao soldado que se dirigia para Grã-Bretanha que fosse cavalheiro, cedendo à vez nos jogos ou quando instruía o combatente que ia para França que os franceses pagavam os 10% ao garçom e que o americano deveria fazer o mesmo. Esta idealização projetada a fim de se encaixar num determinado meio, relaciona-se ao conceito de autoimagem de Elias[XVIII] que observamos constantemente presente nos dois manuais. Ou seja, para se encaixar num determinado meio social, o indivíduo projeta um comportamento idealizado, uma autoimagem. Os manuais demonstram esta preocupação do Estado em pensar uma conduta civilizada do seu soldado a fim de que eles propagandeassem a imagem do seu país.

Entre os dois folhetos americanos, existiram muitas semelhanças, dentre as quais, podemos citar as seguintes: a começar pelo tipo de linguagem, direta e direcionada aos combatentes; mesma atenção em dar informações aos norte-americanos a fim de conhecerem o país para o qual se dirigiam; cuidado com expressões que pudessem ser ofensivas; cautela com críticas sobre o outro país, o que era totalmente proibido e a necessidade de entenderem as restrições de uma guerra. Entretanto, percebemos que no manual destinado a quem foi para França, houve uma maior preocupação em alertar sobre as condições que os franceses viviam

sob a dominação alemã e utilizou imagens, ao contrário do destinado a quem foi lutar na Grã-Bretanha.

Dentre as muitas semelhanças, a diferença mais notável entre os dois manuais é que o *Instructions for American Servicemen in France During World War (1944),* teve uma maior atenção em elevar a moral dos franceses e alertar sobre os perigos de um país que estava sob o "jugo" nazista. Comentários sobre a derrota francesa eram totalmente proibidos, visto que muitos destas críticas eram depreciando o exército francês. Até hoje, isso é motivo de piadas entre os EUA, dizendo que os franceses se renderam, denotando como uma fraqueza.

Outra diferença entre os manuais norte-americanos, é que o destinado a Grã-Bretanha trouxe instruções em relação às mulheres que participaram ativamente do conflito, ao contrário do *Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944).* Conforme Quétel[XIX], a Grã-Bretanha foi o primeiro país em guerra a instituir o recrutamento de mulheres em abril de 1941. Elas vão trabalhar nas fábricas, nos campos, no comércio, na administração civil, nas ferrovias, como enfermeiras, pedreiras, entre as mais diversas profissões, assumindo funções que ficaram vazias por causa do recrutamento dos homens que foram lutar na guerra.

O manual direcionado aos soldados britânicos que foram para França, o *Instructions for British Servicemen in France 1944*, também continham instruções sobre como atuar e lidar com uma população ocupada pelo inimigo, os alemães. Para vermos como este projeto educacional foi pensado, será proveitoso analisarmos as estratégias usadas pelo Estado britânico para instrução do seu "soldado cidadão".

A EDUCAÇÃO DO "SOLDADO CIDADÃO" BRITÂNICO

A História da Grã-Bretanha na II Guerra começou um pouco antes dos Estados Unidos. De fato, o conflito teve início em 3 de setembro de 1939 quando França e Grã-Bretanha declararam Guerra à Alemanha, após a invasão da Polônia. Em 1942 com a entrada dos americanos, inicia-se de fato a aliança entre os dois países e como uma das consequências dessa aproximação, tivemos os manuais destinados aos soldados, dentre eles, o *Instructions for British Servicemen in France (1944).*

O manual foi escrito numa fase em que os britânicos se encontravam em sinal de esgotamento físico e exaustão psicológica, servindo para tentar manter a moral dos combatentes. O fato de a França estar ocupada pela Alemanha, fez com que o folheto investisse em alertas contra a propaganda nazista e com as sabotagens e intrigas que eles poderiam disseminar entre os franceses e britânicos.

Dessa maneira, como o Estado americano, a Grã-Bretanha usou de estratégias semelhantes para educar seus soldados, mas adaptadas ao fato de que iriam enfrentar os alemães num território dominado e ajudar na libertação da França. Por isso, a maior atenção do manual foi focada nesse aspecto, em instruir o que o soldado deveria fazer para tomar cuidado num território ocupado pelo inimigo, em pedir união, compreensão e em apresentar quem era a nação francesa antes da ocupação, as suas vitórias em outras guerras e a sua importância para a democracia. Esta estratégia não foi por acaso, pois, os franceses perderam a guerra para os alemães em 1940, numa derrota muito criticada, que desmoralizou o exército e sua população[XX].

Fora as críticas pela derrota a propaganda alemã espalhava notícias de um exército nazista forte, seguro de si, sobretudo após a rápida vitória sobre os franceses, o que abalava ainda mais a moral da França. Os próprios locais de entretenimento, como o teatro e o cinema, passaram a ser dominados pelos alemães que assistiam e fiscalizavam de perto tudo que era transmitido.

Diante disso, o manual britânico ordenava aos combatentes que jamais criticassem o exército francês e que tivessem cuidado com a propaganda alemã que poderia causar intrigas: "esteja sempre atento com a propaganda de discórdia dirigida para enfraquecer os aliados. A propaganda às vezes será velada e discreta, portanto, seja cuidadoso para não ser influenciado ou atingido"[XXI]. Essa propaganda, além do teatro e do cinema, era transmitida por meio de jornais, cartazes e músicas que tinham por objetivo induzir a opinião francesa, mostrando que permanecer sob o domínio alemão era o melhor e colocando os franceses contra os aliados.

O Estado britânico, a fim de evitar os julgamentos, utilizava como estratégia relatar aos soldados a respeito do sofrimento dos franceses com os cartões de racionamento e as privações por conta da ocupação. A maior parte da população que estava acostumada a frequentar bons restaurantes, após a guerra só podia arcar com as refeições feitas em casa e aqueles que tinham dinheiro, adquiriam produtos no "mercado negro", ou seja, itens que eram permitidos comprar porque estavam fora dos produtos da lista feita pelo governo.

Aos soldados britânicos, abaixo do tópico "o que você sentiria?", ordens foram dadas sobre esta proibição: "comprar comida e conseguir coisas no mercado negro significa privar os pobres de adquirir qualquer alimento, prejudica ainda mais a distribuição normal de rações e a oportunidade de algum tipo de alimento chegar a pobres e crianças[XXII]". Por conta do racionamento, restaurantes franceses ofereciam dois tipos de cardápio, um oficial e outro para o "mercado negro", correndo o risco de serem multados ou fechados. A prática da compra ilegal acabou sendo comum nos países em guerra e por isso houve alertas para que os combatentes dessem o exemplo, como soldados cidadãos que deveriam ser.

Diante de uma população com baixo ânimo, o manual alertava que os nazistas se aproveitavam para infiltrar suas ideias na França e orientava aos soldados a ficarem alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães:

> As páginas que se seguem são dedicadas aos franceses e não aos alemães que têm sido de um comportamento de mau trato em muitos países, mas na França eles têm usado a estratégia de um melhor comportamento para tentar conquistá-los para a nova ordem nazista pela Europa. Mas isso é apenas parte de um plano. O francês não tem sido vencido nem convencido disso. Eles sabem bem o que essa nova ordem significa e toda dor e crueldade que ela tem causado. A única coisa que eles almejam é ver os alemães e sua nova ordem fora de seu país e bem longe.[XXIII]

Apesar de terem afirmado que os franceses não estavam convencidos das ideias do nazismo, o manual britânico não falou daqueles que colaboraram e foram simpatizantes, com grupos de extrema-direita[XXIV]. Os apoiadores, como políticos, escritores, artistas, intelectuais e as prisões de muitos judeus não foram retratadas, mesmo antes da invasão alemã, nem tampouco foi exposto como a França, mesmo durante a ocupação, permaneceu com a intensa efervescência cultural, com os bares, teatros, cinemas, cafés e cabarés funcionando normalmente.

A respeito dos britânicos, sinais de fadiga ou de desânimo no seio da aviação e do exército se multiplicaram em 1944. Essas crises geravam muitos casos de deserções, ou seja, de abandono do posto pelo soldado e trazia graves punições para os combatentes. Na Grã-Bretanha, por conta dos constantes casos de abandono, o general *Auchinleck* chegou a propor em 1942, o restabelecimento da pena de morte. De junho de 1944 ao final da guerra, registraram-se mais de 13 mil casos de distúrbios psiquiátricos[XXV].

Apesar de termos ocorrências de punições por desobediência, nem os manuais norte-americanos e nem o britânico fazem algum tipo de ameaça caso os soldados descumprissem as ordens. Percebemos que era uma estratégia usada pelo Estado o apelo psicológico e ideológico,

lembrando que os combatentes estavam ali representando o seu país e que o comportamento deles deveria ser sempre norteado por esse pensamento.

Dentro dos manuais, estão presentes, a tentativa de moldar o comportamento do soldado para que eles internalizassem as ordens, vissem como naturais obedecê-las, mesmo que por trás soubessem que caso fossem pegos descumprindo-as, seriam punidos até fisicamente.

Assim como ocorreu no folheto americano, o manual britânico foi direcionado a seus soldados com ordens específicas, sendo instruído aos combatentes áreas de possíveis invasões no território francês, além de informações sobre a França, como sua localização, principais rios, clima, tamanho, geografia, moeda, placas de sinalização de trânsito, política, história do país e língua local.

A Grã-Bretanha também orientava os soldados a propagandearem a autoimagem dos britânicos. O Estado através das instruções projetava um comportamento do soldado para que ele tentasse se encaixar na sociedade francesa. Terem soldados cidadãos civilizados, representava o país na busca pelos ideais de liberdade, colocava os britânicos como aqueles que iriam ajudar a retirar os inimigos do território francês.

Além de ser o soldado educado e cordial, o britânico também precisava ser cuidadoso porque iria lutar contra os alemães num país ocupado. Por isso, alertas foram dados, como a atenção ao que se falava em público, pois o inglês era um idioma conhecido e poderia sempre ter alguém por perto vigilando. Outro cuidado a ser tomado era com conversas ao telefone ou até mesmo cartas, pois havia sempre o perigo da espionagem[XXVI].

Assim como nos folhetos destinados aos soldados americanos, o manual britânico usou estratégias para tentar moldar este tipo de soldado, que além de ser eficiente na guerra, deveria, através da sua conduta civilizada, propagandear seu país, demonstrando respeito aos ideais de liberdade, democracia, justamente o contrário daquilo que era o nazismo, com um regime ditatorial, sem liberdades políticas e sem respeito ao próximo.

COMPARAÇÕES ENTRE OS FOLHETOS

A partir das análises das estratégias educacionais utilizadas pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha nos manuais *Instructions for American Servicemen in Britain (1942), Instructions for American Servicemen in France During World War II (1944)* e *Instructions for British Servicemen in France (1944),* de início percebemos muitas semelhanças entre cada folheto.

A primeira semelhança foi o formato dos manuais, em livros com capa brochura e de bolso. Como trabalhamos nesta dissertação com cópias fac-similares, não obtivemos a informação se os originais realmente tiveram este tamanho. Mas, conforme vimos com a autora Molly Manning[XXVII] no segundo conflito mundial, as editoras passaram a publicar livros em formatos pequenos com o objetivo que o soldado pudesse carregá-lo no bolso entre uma batalha e outra.

Dessa maneira, acreditamos que com os manuais não foi diferente. Pois, diante do investimento na produção e da intenção de tentar polir o comportamento do soldado para que ele mantivesse a união na guerra e propagasse a imagem de países civilizados, ter manuais leves e de pequeno porte seriam aspectos que ajudaria os aliados a tentarem alcançar seu objetivo.

A outra semelhança foi o direcionamento que cada manual teve, ou seja, um livreto para cada país em que o soldado foi recrutado. Além disso, a metodologia entre estes folhetos também foi muito semelhante, curtos, diretos e claros, a fim de que o maior número de soldados lesse.

Além dessas semelhanças, tivemos outras como vimos na seção anterior: o uso da História dos países como forma de elevar a moral; a utilização da comparação entre a realidade

do soldado com a da outra nação; o fato de serem guias informativos a fim de munir com o máximo de informações sobre a história, geografia, moeda, costumes e regras de cada país e a preocupação com a língua diferente.

Por último, outra analogia se deu nos estereótipos criado sobre o aliado e também na estratégia de mostrar um país e habitantes que muitas vezes não condiziam com a realidade, mas que foram elaborados a fim de não revelar os pontos negativos aos soldados, com o intuito de evitar as críticas entre os combatentes.

Das diferenças, observamos que os manuais destinados aos soldados na França tiveram maior preocupação com a segurança, pelo fato da ocupação alemã e elevaram a moral dos franceses em várias partes dos folhetos, por todo contexto de críticas à atuação do exército francês. Além disso, deram ordenações mais enfáticas com relação ao respeito às mulheres, tentando evitar as generalizações das francesas como prostitutas. Porém, a maior diferença entre eles foi de conteúdo, pois, apesar de termos instruções que se repetiram, os argumentos foram baseados na cultura e nos hábitos dos habitantes.

Dessa forma, diante das semelhanças e diferenças, de início podemos chegar a algumas conclusões. Primeiro, os manuais foram produzidos dentro de um projeto de formação militar tendo em vista que para cada país que os soldados aliados foram, os Estados americano e britânico produziram um manual, como podemos ver no prefácio do *Instructions for American Servicemen in France* (1944)

> Uma série de manuais curtos está agora em preparação...Inclui manuscritos da Noruega, Iugoslávia, França, Grécia, Albânia, Bélgica, Países Baixos, Dinamarca, Romênia, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, Alemanha. Escrito por especialistas civis e do OSS [Serviço de Operações Estratégicas, predecessor da Agência Central de Inteligência] e liberados pelas agências do Departamento de Guerra. Ordem de prioridade de preparação determinada. Segredo confidencial até a distribuição[XXVIII].

Segundo, tendo em vista as muitas semelhanças, desde o formato, a metodologia, o conteúdo, podemos perceber que houve as influências mútuas, apontadas por Bloch (1992) como próprias do método comparativo. Essas influências mútuas são ainda mais perceptíveis quando observamos os manuais fazerem referência ao outro, como foi o caso do *Instruções para Soldados Britânicos na França (1944)* que fez comparações com o folheto *Instruções para Soldados Americanos na Grã-Bretanha (1942)*.

Terceiro, observamos que as estratégias educacionais presentes nos folhetos foram instrumentos de propaganda dos Aliados e serviram também como contrapropaganda para combater as ações do Eixo, na medida em que deram alertas contra as intrigas pregadas pelos alemães, pediram cuidado com a sabotagem e a espionagem do inimigo, sobretudo nos manuais destinados aos soldados que foram para França. Conforme Capelato[XXIX], a propaganda realiza através das palavras, textos e imagens, o trabalho constante de renovação, de influência, de inculcação, de persuasão e visa conseguir adesões, mantê-las e ampliá-las.

Diante das análises das estratégias educacionais, observamos que as instruções dadas aos soldados foram planejadas por conta de uma necessidade diante do contexto de guerra e das diferenças culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

AS INSTRUÇÕES PARA SOLDADOS AMERICANOS E BRITÂNICOS NA II GUERRA MUNDIAL: UMA ANÁLISE COMPARATIVA (1942-1945)

ANAILZA GUIMARÃES COSTA

Ao decorrer desta pesquisa, compreendemos que diante de um conflito mundial que explorou todos os campos, as ideias não ficaram de fora. Como parte de um verdadeiro esforço, os Aliados investiram fortemente na propaganda contra o Eixo. Essa propaganda incluiu cinema, cartazes, rádio e livros, demonstrando uma guerra em que o psicológico foi tão importante quanto o físico, marcado por disputas ideológicas. Percebendo isso, os Aliados criaram manuais de guerra como instrumentos de propaganda contra o inimigo e como um fortalecimento das alianças formadas.

O estudo desses manuais dentro da História da Educação nos possibilitou analisar estes folhetos como suportes pedagógicos, usados pelos EUA e Grã-Bretanha para tentar desmistificar os estereótipos criados do aliado, manter a união na guerra, alertar contra as sabotagens do inimigo, e apresentar o país para o qual o soldado foi enviado a fim de tentar evitar os conflitos culturais, o estranhamento diante do comportamento do outro.

Na construção desses folhetos, foram utilizadas ferramentas educacionais a fim de tentar com que o soldado adotasse o comportamento idealizado pelo Estado. Estas estratégias incluíram um direcionamento nas ordens, uma clareza nas determinações, o uso da História dos países a fim de elevar a moral, munir os soldados de todo conhecimento possível sobre o país que ele não conhecia e usaram a comparação entre as realidades dos combatentes s para apresentar o aliado.

Na análise desses manuais, compreendemos que estes folhetos fizeram parte de um projeto de educação pensado pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, pois, para cada país que o soldado foi enviado, existia um manual com especificidades dos costumes do habitante local. Como vimos, foi algo planejado, afinal os Estados poderiam em conjunto criar manuais com orientações gerais de como se comportar num país estrangeiro. No entanto, eles reconheciam que o inimigo era comum, mas a cultura não e por isso se preocuparam com as particularidades.

Assim, concluímos que além de um combatente eficiente militarmente, os Estados tentaram formar o soldado cidadão cosmopolita, aquele que deveria representar a imagem de sua pátria, se adaptar à realidade que era diferente da sua, projetando o comportamento idealizado pelos Estados americano e britânico.

O uso da História Comparada nesta dissertação nos possibilitou estudar três realidades próximas, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, observando as alianças formadas. Além disso, vimos que as tensões e choques entre os soldados aliados não foram incomuns, algo que se fôssemos estudar isoladamente dificilmente perceberíamos. Também, nos possibilitou compreender que as muitas semelhanças entre os manuais, a começar pelo próprio formato de livro de bolso e a seleção de conteúdo, fizeram parte de uma estratégia de educação para os soldados pensados pelos Estados americano e britânico. Além disso, o método comparativo nos atentou para as influências mútuas entre os manuais.

Com um estudo isolado, não conseguiríamos observar as analogias entre os folhetos que vieram de trocas entre Estados Unidos e Grã-Bretanha, como fruto da aliança formada para combater o Eixo. Também, dificilmente iriamos perceber as singularidades de cada manual, que ocorreram devido às diferenças entre as culturas.

Porém, ressaltamos que a nossa documentação não nos possibilitou dizer quantos soldados tiveram acesso a estes manuais, se houve eficácia na entrega ou se todos os combatentes que receberam se empenharam na leitura. Só um mergulho em novas fontes talvez possa responder a estes questionamentos e a partir de então, chegar a uma conclusão se os manuais funcionaram ou não. Entretanto, na nossa pesquisa, observamos a importância destes folhetos como suportes pedagógicos, na medida em que tentaram moldar a conduta dos combatentes através de estratégias educacionais.

NOTAS

[I] Formada em História pela Universidade Federal de Sergipe, mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da UFS e integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS/CNPq). Esse artigo é uma versão da dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe em 2018 e publicada no repositório Institucional da UFS.

[II]TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. IN: MAGNOLI, Demétrio. Histórias das Guerras Org. **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2011.

[III] BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

[IV] _____. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

[V] BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada.** Vol. 01, número 01, jun./2007.

[VI] THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais.** Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.

[VII] Do original: "This book has nothing to do with military operations. It deals only with civilian life in France and with the way you should behave to the French civilian population*"*. THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.

[VIII] WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

[IX] Do original: "Why you're going to France", "The United states soldier in France", "A few pages of French", "Observation Post", "In Parting", "Annex: Various Aids". WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

[X] Do original: "The Country, The People – Their Customs and Manner's, Britain at War, English Versus American Language, Some Important Do's and Don'ts e Table of British Currency". WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

[XI] Do original: "Food", "Drink", "Women", "Entertainment", "Sports", The rule of the road" e "Behaviour".

[XII] CHARTIER, Roger. **Inscrever & apagar:** cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

[XIII] WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

[XIV] Do original: "Although you'll read in the papers about "lords" and "sirs", England is still one of the great democracies and the cradle of many American liberties. Personal rule by the Kings has been dead in England for nearly a thousand years. Today the King reigns, but does not govern. The British people have great affection for their monarch but they have stripped him of practically all political power. Today the old power of the King has been shifted to Parliament, the Prime Minister, and his Cabinet. The British Parliament has been called the mother of parliaments, because almost all the representative bodies in the world have been copied from it". WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.

[XV] MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados:** soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.

[XVI] ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen in France During World War.** Chicago, 1944.

[XVII] ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.

[XVIII] _____. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.

[XIX] QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939-1945)**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lourusse do Brasil, 2009.

[XX] BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

[XXI] Do original: "You must expect that propaganda will be directed to driving a wedge between the Allies. This propaganda, which may be many forms – some crude and obvious, but some subtle and hard to recognize – will be directed by enemy sympathizers and agent against your morale".

[XXII] Do original: "Above all, have nothing to do with any black Market. Whatever the temptation, buyng on this simply means that the poor who need food will not get it, and the return to normal distribution will be complicated and delayed". THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.

[XXIII] Do original: "The pages which follow are devoted to the French and not the Germans, who have incidentally behaved far worse in other countries than in France. Indeed, the individual German soldier has behaved, on the whole, remarkably correctly in France. He was ordered to do so. It was part of a plan for

winning France over to the Nazi "New Order" for Europe. But the French have not been won over". THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.
[XXIV] A extrema-direita francesa surgiu após a Revolução Francesa de 1789, quando grande parte da nobreza destituída de seus títulos e propriedades, junto com o apoio da igreja católica, viram seu espaço e influência política diminuírem. Após a revolução, viu-se um campo aberto para o pensamento da extrema-direita. Grupos radicais, como o AF (*Action Française*), ultraconservador, antissemita e antiliberal exerceu influência sob a ideologia do governo Vichy (ANDRADE, 2014).
[XXV] MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial:** História e estratégias. São Paulo: Contexto, 2011.
[XXVI] THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.
[XXVII] MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra**: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
[XXVIII] WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.
[XXIX] CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva**. Revista Brasileira de História. São Paulo: USP, v. 16, n.31 e 32, p. 328-352, 1996.

REFERÊNCIAS:

Fontes:

BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
THE POLITICAL WARFARE EXECUTIVE. **Instructions for British Servicemen in France**. London, 1944.
WAR DEPARTMENT. **Instructions for American Servicemen in Britain**. Washington, D.C., 1942.
ARMY SERVICES FORCES UNITED STATES. **Instructions for American Servicemen in France During World War.** Chicago, 1944.

Artigos e livros:

AMBROSE, Stephan. **Soldados Cidadãos:** do desembarque do exército americano nas praias da Normandia à batalha das Ardenas e rendição da Alemanha, 7 de junho de 1944 a 7 de maio de 1945. Tradução: Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Bertrand Brasil, 2010.
BARROS, José D' Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada.** Vol. 01, número 01, jun./2007.
_____. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch:** una historia viva. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva**. Revista Brasileira de História. São Paulo: USP, v. 16, n.31 e 32, p. 328-352, 1996.
CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha modos! Educação e sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900 – 1960). **X Simpósio Internacional:** O Processo Civilizador. ISBN: 978-85-99688-02-1. Campinas, 2007.
CHARTIER, Roger. **As utilizações dos objetos impresso**. Lisboa: Difel, 1998.
_____. **Inscrever & apagar:** cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador:** uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2011. 1v.
_____. **O Processo Civilizador:** Formação do Estado e Civilização. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed. 1993. 2v.
LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
MANNING G. Molly. **Quando os livros foram à Guerra**: as Histórias que ajudaram os Aliados a vencer a Segunda Guerra Mundial. Tradução: Carlos Szlak, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados:** soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Grua, 2010.
MAYNARD, Andreza. O uso político dos personagens da Disney e a aproximação Brasil/Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. In: SCHURSTER, Karl; SILVA, Francisco C. T. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 745-766.
MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial:** História e estratégias. São Paulo: Contexto, 2011.
PRADO, Maria . C. Ser ou não ser um bom vizinho: a América Latina e os Estados Unidos durante a Guerra**. Revista USP.** São Paulo: USP, n.26, p. 52-61, jun-ago, 1995. (Dossiê Segunda Guerra).
PECEQUILO, Cristina Sorenau. **A Política Externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2011.
PINHEIRO, Letícia. **A Entrada do. Brasil na Segunda Guerra Mundial**, in: Revista USP. São Paulo, n°26, Junho-Agosto, 1995, pp. 109-117.
PONTE, Helder. **A História Comparada**. In: Um Pouco de Historiografia. Disponível em: http://umpoucodehistoriografia.blogspot.com.br/2007/05/45-histria-comparada.html. Último acesso: 17/06/2014 às 18:01.
PROST, Antonie. Os fatos e a crítica histórica. In: PROAST, Antonie. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica 2014, p.53-73.
QUÉTEL, Claude. **As mulheres na guerra (1939-1945)**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lourusse do Brasil, 2009.
QUITZAU, Evelise; SOARES, Carmen Lúcia. **Um manual do século XVIII:** culto à natureza e educação do corpo em Ginástica para a Juventude, de Guts Muths. Revista Brasileira de História da Educação, v. 16, n. 1. Janeiro/Março, 2016.
RIDING, Alan. **Paris –** A **Festa Continuou:** A vida cultural durante a ocupação nazista (1940-4). Trad. de Celso Nogueira e Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
SCHRIJVERS, Peter. Part II: The Soldiers. In:**The Crash of ruin:** American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p. 29-49.
_____. Part III: The Civilians. In: **The Crash of ruin:** American combat soldiers in Europe during World War II. U.S.A.: New York University Press, 1998, p.124-131.
THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **História Comparada: Olhares Plurais.** Revista de História Comparada, v.1, n.1, p.1-21, jun. 2007.